



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA BENTO XVI
A SANTIAGO DE COMPOSTELA E BARCELONA
(6-7 DE NOVEMBRO DE 2010)

ENTREVISTA CONCEDIDA PELO SANTO PADRE
AOS JORNALISTAS DURANTE O VOO PARA A ESPANHA

Sábado, 6 de Novembro de 2010

P.: *Santidade, na mensagem para o recente Congresso dos Santuários que se realizou precisamente em Santiago de Compostela, Vossa Santidade disse que vive o seu pontificado «com os sentimentos do peregrino». Também no seu Brasão, há a concha do peregrino. Pode dizer-nos algo sobre a perspectiva da peregrinação, também na sua vida pessoal e na sua espiritualidade, e sobre os sentimentos com que vai como peregrino a Santiago?*

Santo Padre: Bom dia! Poderia dizer que estar a caminho já está inscrito na minha biografia — Marktl, Tittmoning, Tübingen, Regensburg, München, Roma — mas talvez este seja um aspecto exterior. Contudo, fez-me pensar na intensidade desta vida, o estar a caminho... Naturalmente, contra a peregrinação poder-se-ia dizer: Deus está em toda a parte, não há necessidade de ir de um lugar para outro. Mas também é verdade que a fé, segundo a sua essência, é um «ser peregrino».

A Carta aos Hebreus demonstra o que é a fé na figura de Abraão, que sai da sua terra e permanece um peregrino rumo ao futuro por toda a sua vida; e este movimento abraâmico permanece no acto da fé, é um ser peregrino sobretudo interiormente, mas deve também expressar-se exteriormente. Às vezes, sair da quotidianidade, do mundo do útil, do utilitarismo, sair só para estar realmente a caminho rumo à transcendência; transcender-se a si mesmo, transcender a quotidianidade para encontrar também uma nova liberdade, um tempo de reconsideração interior, de identificação de si mesmo, de ver o outro, Deus, e assim é também a peregrinação, sempre: não só um sair de si em direcção ao maior, mas também um ir junto. A

peregrinação reúne: vamos juntos para o outro e assim encontramos-nos reciprocamente. É suficiente dizer que os caminhos de Santiago são um elemento na formação da unidade espiritual do Continente europeu. Aqui, peregrinando, encontraram-se, encontraram a identidade comum europeia, e também hoje renasce este movimento, esta necessidade de ser movimento espiritual e fisicamente, de se encontrar uns com os outros e desta forma encontrar silêncio, liberdade, renovação e Deus.

P.: E agora desviemos o olhar para Barcelona. Que significado pode ter a dedicação de um templo como a Sagrada Família no início do século XXI? E há algum aspecto específico da visão de Gaudí que o fez admirar de modo particular?

Santo Padre: Na realidade, esta catedral é também um sinal próprio para o nosso tempo. Vejo na visão de Gaudí sobretudo três elementos.

O primeiro, esta síntese entre continuidade e novidade, tradição e criatividade. Gaudí teve a coragem de se inserir na grande tradição das catedrais, de ousar de novo, no seu século — com uma visão totalmente nova — esta realidade: a catedral, lugar do encontro entre Deus e o homem, numa grande solenidade; e esta coragem de permanecer na tradição, mas com uma nova criatividade, que renova a tradição e demonstra a unidade da história e o progresso da história, é muito bonito.

Segundo. Gaudí queria este trinómio: livro da Natureza, livro da Escritura, livro da Liturgia. E esta síntese precisamente hoje é de grande importância. Na liturgia, a Escritura torna-se presente, torna-se realidade hoje: já não é uma Escritura de há dois mil anos, mas deve ser celebrada, realizada. E na celebração da Escritura fala a criação e encontra a sua verdadeira resposta porque, como nos diz São Paulo, a criatura sofre e, em vez de ser destruída, desprezada, espera o filho de Deus, ou seja, os que a vêem na luz de Deus. E assim — penso — esta síntese entre sentido da criação, Escritura e adoração é precisamente uma mensagem muito importante no presente.

E, por fim — terceiro ponto — esta catedral nasceu de uma devoção típica do século XIX. São José, a Sagrada Família de Nazaré, o mistério de Nazaré. Mas precisamente esta devoção de ontem, poder-se-ia dizer, é de grandíssima actualidade, porque o problema da família, da renovação da família como célula fundamental da sociedade, é o grande tema de hoje e indica-nos para onde podemos ir, quer na construção da sociedade quer na unidade entre fé e vida, entre religião e sociedade. Família é o tema fundamental que aqui se expressa, dizendo que o próprio Deus se tornou filho numa família e nos chama a construir e a viver a família.

P.: Gaudí e a Sagrada Família representam com particular eficácia o binómio fé-arte. Como pode a fé reencontrar hoje o seu lugar no mundo da arte e da cultura? É este um dos temas mais importantes do seu pontificado?

Santo Padre: É assim. Sabeis que eu insisto muito sobre a relação entre fé e razão, que a fé, e a fé cristã, tem a sua identidade só na abertura à razão, e que a razão só se torna ela mesma se se transcende para a fé. Mas igualmente importante é a relação entre fé e arte, porque a verdade, finalidade, meta da razão, se exprime na beleza e se torna ela mesma na beleza, se prova como verdade. Portanto, onde há a verdade deve nascer a beleza, onde o ser humano se realiza de modo correcto, bom, expressa-se na beleza. A relação entre verdade e beleza é inseparável e por isso precisamos da beleza. Na Igreja, desde o início, também na grande modéstia e pobreza da época das perseguições, a arte, a pintura, o expressar-se da salvação de Deus nas imagens do mundo, o canto e depois também o edifício, tudo isto é constitutivo para a Igreja e permanece constitutivo para sempre. Assim a Igreja foi mãe das artes durante muitos séculos: o grande tesouro da arte ocidental — música, arquitectura, pintura — nasceu da fé no interior da Igreja. Hoje há um certa «divergência», mas isto prejudica tanto a arte, como a fé: a arte que perde a raiz da transcendência, não se orienta mais para Deus, seria uma arte dividida em dois, perderia a raiz viva; e uma fé que tivesse a arte só no passado, já não seria fiel no presente; e hoje deve expressar-se de novo como verdade, que está sempre presente. Por isso o diálogo ou o encontro, diria o conjunto, entre arte e fé está inscrito na mais profunda essência da fé; devemos fazer o possível para que também hoje a fé se exprima numa arte autêntica, como Gaudí, na continuidade e na novidade, e que a arte não perca o contacto com a fé.

P.: Nestes meses está a ser iniciado o Pontifício conselho para a «nova evangelização». E muitos se perguntaram se precisamente a Espanha, com os desenvolvimentos da secularização e da diminuição rápida da prática religiosa, é um dos países no qual Vossa Santidade pensou como objectivo para este novo Organismo, ou se não é até o objectivo principal. É esta a nossa pergunta.

Santo Padre: Com este Organismo pensei no mundo inteiro porque a novidade do pensamento, a dificuldade de pensar nos conceitos da Escritura, da teologia, é universal, mas há naturalmente um centro e este é o mundo ocidental com o seu secularismo, a sua laicidade, e a continuidade da fé que deve procurar renovar-se para ser fé hoje e para responder ao desafio da laicidade. No Ocidente todos os grandes países têm o seu modo próprio de viver este problema: tivemos, por exemplo as viagens à França, à República Checa, ao Reino Unido, onde em toda a parte está presente de modo específico para cada nação, para cada história, o mesmo problema, e isto é válido também de maneira forte para a Espanha. A Espanha foi desde sempre um país «originário» da fé; pensemos que o renascimento do catolicismo na época moderna se deu sobretudo graças à Espanha; figuras como Santo Inácio de Loyola, Santa Teresa de Ávila e São João de Ávila, são figuras que renovaram realmente o catolicismo, formaram a fisionomia do catolicismo moderno. Mas é igualmente verdade que na Espanha nasceram também uma laicidade, um anticlericalismo, um secularismo forte e agressivo, como vimos precisamente nos anos 30, e esta contenda, ou melhor, este confronto entre fé e modernidade, ambas muito vivazes, verifica-se também hoje de novo na Espanha: por isso, para o futuro da fé e do encontro — e não embate, mas o encontro entre fé e laicidade — tem um ponto central também na cultura

espanhola. Neste sentido, pensei em todos os grandes países do Ocidente, mas sobretudo também na Espanha.

P.: Com a viagem a Madrid no próximo ano para a Jornada Mundial da Juventude, Vossa Santidade terá feito três viagens à Espanha, o que não acontece com nenhum outro país. Por que este privilégio? É um sinal de amor ou de particular preocupação?

Santo Padre: Naturalmente, é um sinal de amor. Poder-se-ia dizer que é por acaso que vou três vezes à Espanha. A primeira, para o grande encontro internacional das famílias, em Valença: como poderia o Papa não estar presente, se as famílias do mundo se encontram? No próximo ano a JMJ, o encontro da juventude do mundo em Madrid, e o Papa não pode estar ausente nesta ocasião. E, por fim, temos o Ano Santo de Santiago, temos a consagração, depois de mais de cem anos de trabalho, da catedral da Sagrada Família de Barcelona, como poderia o Papa não vir? Em si, portanto, as ocasiões são os desafios, quase uma necessidade de ir, mas o facto que se concentrem precisamente na Espanha tantas ocasiões, mostra também que é realmente um país cheio de dinamismo, de força da fé, e a fé responde aos desafios que estão igualmente presentes na Espanha; por isso dizemos: as circunstâncias fizeram com que eu fosse, mas isto demonstra uma realidade mais profunda, a força da fé e a força do desafio para a fé.

P.: E agora, se quiser dizer qualquer outra coisa para concluir este nosso encontro. Há alguma mensagem especial que espera transmitir à Espanha e ao mundo de hoje com esta viagem?

Santo Padre: Diria que esta viagem tem dois temas. O da peregrinação, do estar a caminho, e o tema da beleza, da expressão da verdade na beleza. Da continuidade entre tradição e renovação. Penso que estes dois temas da viagem são também uma mensagem: estar a caminho, não perder o caminho da fé, procurar a beleza da fé, a novidade e a tradição da fé que sabe expressar-se e encontrar-se com a beleza moderna, com o mundo de hoje.

Obrigado.